

MIRA FORUM

Direção | Manuela Matos Monteiro e João Lafuente
Assistente | Luísa Rosas da Silva

Rua de Miraflor Nº 149
4300-334 Campanhã, Porto

Quarta a sábado, 15h—19h
Entrada livre

miragalerias.net
miraforum@miragalerias.net
facebook.com/groups/miraforum
facebook.com/miraforum
[@miraforum](https://twitter.com/miraforum)

PROJETO FINANCIADO PELA REPÚBLICA PORTUGUESA, DGARTES | RPAC



Enlaçar a boca às coisas

POR A RECOLETORA
(Alexandre Delmar + Maria Ruivo)

15 JUN—27 JUL 2024
MIRA FORUM

VULTO MANTA / Por João Terras

Para onde olhamos, no centro de tudo, está um campo de oliveiras. Nesta galeria, está uma oliveira só. Está um velho que ergue o braço e bate na árvore, está o cansaço da mão e a ferida na planta, essa espécie de bolbo que vemos na imagem resultado das pancadas sobre os ramos. Está a bota com o vinho e o frio do inverno. Está o agitar de uma paulada, estão as folhas a agitarem-se tremulamente, estão as azeitonas a caírem no chão. Está essa osmose inimaginável do fruto morto ao azeite. Está a mitologia desde que somos seres até termos fé onde esta planta e este alimento se untaram. Por isso, no centro disto tudo está o rumor de tudo isto.

Todos os dezembros, ou perto do final do ano, os que já lá vivem e os que para lá caminham, juntam-se na aldeia de Lagoa, em Trás-os-Montes, Portugal. Não existe romance mais profundo do que pensar no que possa passar atrás dos montes. Fetiche primitivo e cénico que idealizamos com premonição, aquilo que está para lá das montanhas sempre nos interrogou. As grutas não podiam ter ficado noutro lugar que não nas montanhas, as nascentes de água, as cascatas, as florestas, os picos, tudo isto está além, atrás das montanhas.

Como qualquer outro que, a todos os dezembros, viajava até Lagoa, Alexandre Delmar foi registando aquilo a que chamaria “actos”, acto I, acto II, vários actos ao longo de vários anos. Foi redigindo uma possível historiografia heteróclita a partir das narrativas paralelas, dos contos, dos mitos, daquilo que ganha forma no lugar das coisas informes. Naquilo que são as linguagens código, naquilo que é sabido entre uma comunidade e nas coisas que são da potência da intuição e da pulsão. História de dentro da boca e da fala, conexões entre humano e animal, humano e vegetal, vegetal e animal, animal e espiritual, humano e espiritual, gravitações que reverberam nas práticas, nos fazeres e que, por sinapse, se estabelecem nos costumes.

Mas um acto, mesmo que inserido numa possível coreografia arritmica e insubordinada que Alexandre tenta constituir de forma intuitiva, mesmo que seja um acto dessa possível historiografia do informe, um acto é ainda uma forma, uma coisa concreta, uma parte, uma divisão ou uma ação em potência de algo. Por isso, se no centro desta galeria está já tudo aquilo que falamos no início, isto a que chamou de actos, nunca foram actos, nunca foram e hoje serão ainda menos.

Será um vulto, uma omnipresença, com ainda maior força, um fantasma. Tudo isto será afinal uma *história dos vultos*, de algo que existe inexplicavelmente entre todas as coisas e espaços.

E aqui chegamos, a uma possível resposta para o que andou todo o tempo a fazer, a condição do artista que se funde na condição do coletivo, onde se fundem Alexandre Delmar e Maria Ruivo e todos os que gravitam em torno desta história paralela que é A Recoletora. A imagem a transpor-se em alimento, a boca em conversa, um lugar ainda mais difuso e entrosado nesta outra construção de um outro lugar.

A potência da imagem, seja ela a partir da câmara fotográfica, do filme, do som, do objeto, do conto escrito ou do desenho, sempre esteve na tentativa de encontrar um registo para o fantasma, de registar esse vulto, essa impossibilidade, essa alma agregadora e indefinível que unia corpo, ação e espaço.

Isto a que poderíamos chamar a *história dos vultos*, em contrapartida à história das coisas, e que estende-se de Lagoa a outros lugares, está na osmose da azeitona ao azeite, está na mão das pessoas que vivem e que executam estes trabalhos de retirar da árvore o fruto, está na teia da aranha que desenha a mesma forma que a cicatriz da manta, está no silêncio das árvores e dos animais que vagueiam. Está agora aqui.

Uma árvore não se torna génio por acaso, ela tem esse génio, essa alma. Por isso estaremos até ao fim, e sem fim, a escrever uma possível história de algo que não tem o humano no centro.

Ao caminharmos neste túnel paralelepípedo da galeria percorremos o ritmo da montagem: primeiro vulto, *vulto-manta*; segundo vulto, *manta-fruto*; terceiro vulto, *fruto-árvore*; quarto vulto, *vulto-montanha*.

Esse vulto maior assola todo o centro, nesse centro onde está tudo. Essa manta que voltará para a montanha.

Por fim o silêncio, a isca, a transumância do artista do rio à montanha, do pescador ao pastor, o silêncio do homem em cima daquela pedra olhando o rio selvagem e o que se passa atrás das montanhas. Todos falam sobre a tragédia.

Ouvimos o rumor de que, num dos seus passados, o espaço da galeria foi o de uma fábrica. *Boaproa – Fábrica Portuguesa de Redes de Pesca*.

CHÃO, TERRA E PESSOAS

A exposição *Enlaçar a boca às coisas* integra o ciclo “Chão, terra e pessoas” em conjunto com as exposições *As Guardiãs das Sementes* por Vanessa Ribeiro-Rodrigues e *A Fundo na Paisagem* dos Landra, que inauguram no mesmo dia, 15 de junho, pelas 16h, no MIRA FORUM. Estas exposições estão patentes até 27 de julho. O ciclo prossegue com duas conferências, apresentação de vídeos, outras exposições e realizações até novembro. Este ciclo realiza-se no âmbito do projeto *Em Liberdade* apoiado pela RPAC | Rede Portuguesa de Arte Contemporânea e que envolve para além do MIRA FORUM três estruturas de outras zonas do país: Colégio das Artes (Coimbra), AiR 351 (Cascais) e Lugar do Desenho (Gondomar).

A RECOLETORA é a prática comum do artista visual Alexandre Delmar (1982) e da designer Maria Ruivo (1986), dedicada ao estudo dos lugares de reciprocidade e interação entre as comunidades humanas e as vegetais. No seu trabalho, a dupla alia uma ação contínua de pesquisa, inventariação e mapeamento das plantas espontâneas comestíveis e medicinais ao resgate de conhecimentos ancestrais e contemporâneos, numa lógica educativa e artística que propõe uma redescoberta da cidade através da recolção e da deambulação pelos territórios do baldio urbano e da paisagem construída. A Recoletora junta botânicos, nutricionistas, *chefs*, artistas e designers numa plataforma colaborativa e itinerante, que tem como objetivo trabalhar as temáticas relacionadas com a autonomia alimentar, a recolção, o herbalismo, os saberes-fazer tradicionais, a oralidade ou a etnobotânica, promovendo ações participativas como cartografias, caminhadas, workshops, refeições partilhadas, exposições e publicações. Alexandre e Maria colaboram desde 2013, mas é a partir de 2021 que assinam o seu trabalho conjunto sob o nome de A Recoletora. Dos seus trabalhos destacam-se: *Meter o chão à boca* para a Galeria Municipal do Porto (2022), *Na fronteira da horta, a comida marginal* a convite da curadora Andreia Garcia, no CIAJG em Guimarães (2022), *O lodo ensina a dançar* para o Mês da Arquitectura da Maia (2023), *A pele vegetal da cidade* para o Museu do Porto (2023-24) e *A emergência da raiz* para a coletiva “Un rastro de furia e algas”, em Santiago de Compostela (2024).